Acervo L/N ISA

JORNAL DO BRASIL

Não pode ser vendida separadamente

Ano 20 - Nº 1.020 - 19 de novembro de 1995

DOMINGO

Amazônia, o reencontro

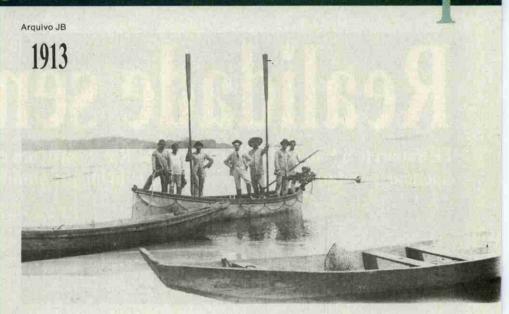
Expedição refaz o roteiro que Carlos Chagas trilhou na região em 1913



AMAZÔNIA EM DOIS TEMPOS

Ouando Carlos Chagas atravessou os rios Negro e Branco, em 1913, era dificil encontrar moradores nas margens e a malária era uma praga na região. Passados 82 anos, a Amazônia tem cidades junto aos rios, mas não conseguiu debelar a doença. Os pesquisadores que passaram 38 dias refazendo os passos de Carlos Chagas constataram outras doenças sociais, como desemprego e violência urbana. São relatos da viagem que Domingo mostra hoje e nas próximas quatro semanas. O mais atual retrato de uma região ao mesmo tempo cobiçada e esquecida.





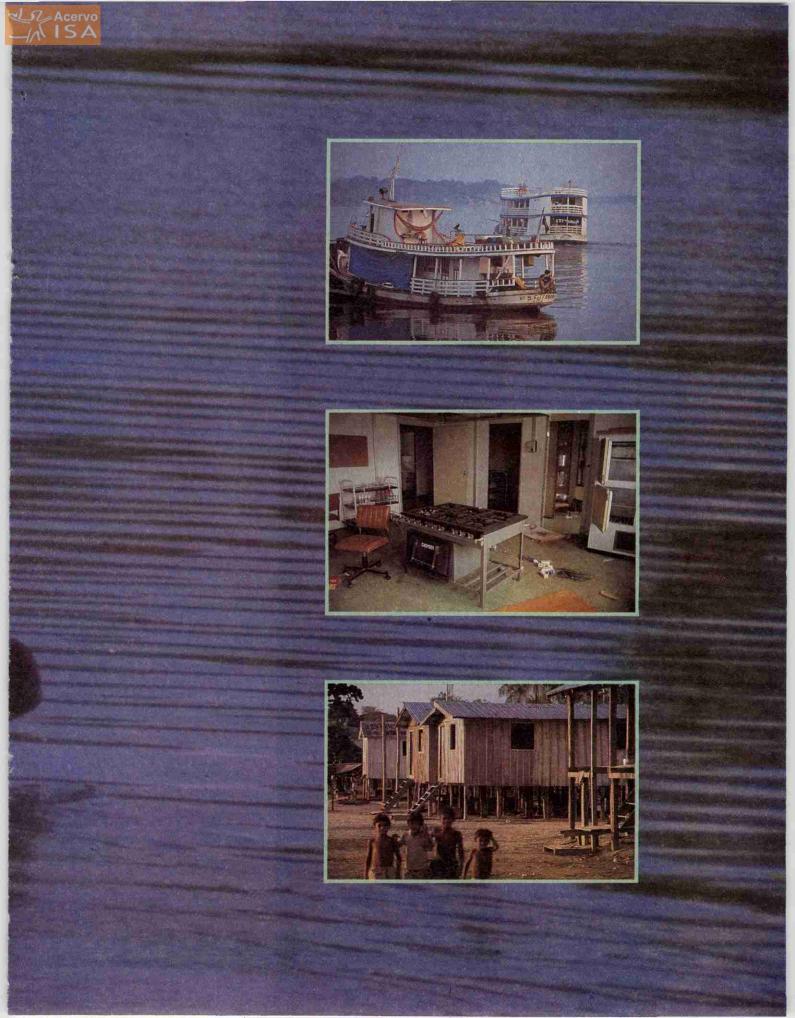


Na foto do alto, a equipe de Carlos Chagas posa durante a expedição à região em 1913. Embaixo, os pesquisadores que, acompanhados com exclusividade pelo JORNAL DO BRASIL, seguiram este ano o mesmo roteiro

■ A expedição científica Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade reuniu pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade do Amazonas, Instituto de Medicina Tropical de Manaus, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia entre os dias 31 de julho e 9 de setembro de 1995.









ALEXANDRE MEDEIROS, de lauaretê (AM) Fotos de Rogêrio Reis

odos os domingos, como se cumprissem um dever de oficio, as crianças desse lugarejo perdido na selva amazônica, a um passo da fronteira com a Colômbia. vão ao hospital. Lá não tem médico, não tem enfermeira, não tem viv'alma. Concluído em 1990, equipado com aparelhos de última geração, o hospital nunca abriu as portas, por falta de pessoal. Para as crianças, é uma farra: elas vestem luvas e gorros cirúrgicos, empunham seringas e bisturis novinhos em folha, inventam doentes de mentira e brincam de médico. Na ingenuidade delas, aquele grande hospital sem uso, tão novo e abandonado, com suas salas liberadas para a brincadeira, parece mesmo um parque de diversões. Um imenso trem-fantasma.

Mas a ilusão infantil não cura a realidade. Quase todas essas crianças carregam em seus corpos uma doença e muitas tendem a morrer antes de conhecer um médico de verdade. "Elas não sabem o que é um hospital, jogam pedras nos vidros, os mais crescidos até namoram nas salas. Dia de semana a gente ainda dá bronca, mas domingo ninguém segura as crianças", diz Carmelita Sodré, índia da etnia tariana, 45 anos, mãe de quatro filhos, dois deles médicos nos plantões dominicais de Iauaretê. Mário Freitas, 40 anos, concorda e lamenta: "Sou vizinho de um hospital sem dono. Os equipamentos estão se estragando, o capim crescendo. A criançada entra e brinca, aplica injeção, faz curativo. Enquanto isso, se uma mulher tiver complicação na gravidez por aqui tem que ir para São Gabriel ou Manaus no avião do Exército.'

Oitenta e dois anos depois que os pesquisadores Carlos Chagas, Pacheco Leão e João Pedroso atravessaram os rios Negro e Branco a serviço da Superintendência de Defesa da Borracha, uma expedição científica revisitou os mesmos lugares entre os meses de agosto e setembro e encontrou velhas e novas doenças. Descobrir um hospital fechado e cercado de gente doente por todos os lados foi apenas um dos choques enfrentados pelos 15 pesquisadores numa viagem de 38 dias pela Amazônia. Um mergulho numa das mais ricas e contraditórias regiões do planeta.





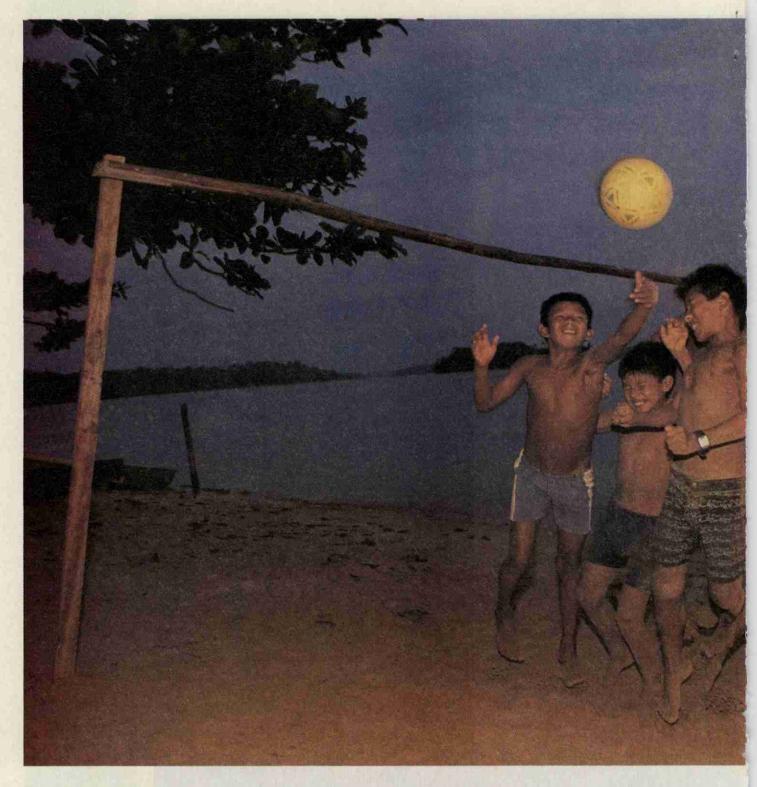




DIÁRIO DE BORDO

- O Rio Negro que passa por São Gabriel é repleto de pequenas cachoeiras. Dai o nome da cidade. Em seu relatório de viagem, descreveu Carlos Chagas: "O rio em frente a villa é muito estreito e encachoeirado, sendo esta uma das suas passagens mais difficeis, mesmo para canôas e sendo ahi o logar onde occorem mais frequentemente desastres".
- A comissão chefiada por Carlos Chagas partiu de Manaus para o Rio Negro às 9h do dia 6 de fevereiro de 1913, a bordo de um pequeno vapor. Além de Chagas, do Instituto Oswaldo Cruz, integravam a comissão Pacheco Leão, da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, e João Pedro de Albuquerque, da Diretoria Geral de Saude Pública.
- A expedição chefiada pela médica Muriel Saragoussi e pelo historiador Eduardo Thielen. ambos da Fundação Oswaldo Cruz, partiu do porto de Camanaus às 5h do dia 16 de agosto de 1995. Antes, a equipe passou três dias em Manaus, preparando a viagem, e outros dez dias em São Gabriel da Cachoeira, primeira parada do roteiro.





GLOSSÁRIO

Malária — Também chamada de paludismo ou impaludismo (do latim palus, pântano), é uma infecção provocada por um minúsculo animal parasita (protozoário), transmitida por mosquitos do gênero anopheles. Os sintomas mais comuns são febre, dor de cabeça, tremores no

corpo e anemia. Na Amazônia, a modalidade mais encontrada da doença é a vivax. A mais perigosa, porém, é a falciparum ou terçã maligna, que pode atingir o cérebro e os rins e levar ao estado de coma e à morte rápida.

Anopheles - Gênero de mos-

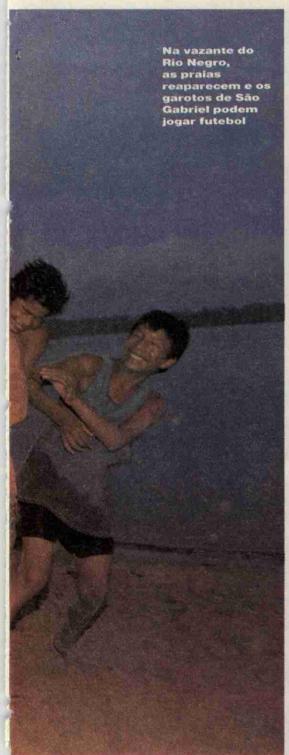
quito que transmite a malária. O mosquito suga o sangue de uma pessoa infectada e transmite a doença a outras pessoas através da picada. Os insetos se multiplicam em locais com água fresca estagnada, nos quais põem seus ovos e suas larvas se desenvolvem. Os

mosquitos atacam mais ao anoitecer.

■ Regatão — Vendedor que percorre os ríos da Amazônia oferecendo produtos aos comerciantes.

■ Rezador — Aquele que tem o dom de fazer orações que curam doenças. Curandeiro.







Iauaretê tem três mil habitantes no centro e outros seis mil ao longo do beiradão dos rios Uaupés e Papuri. É mais fácil cruzar a fronteira com a Colômbia com a mala cheia de contrabando em pleno dia do que encontrar um médico na região. Para chegar até lá, os pesquisadores tiveram que sair em vôo comercial de Manaus para São Gabriel da Cachoeira — ponto inicial da expedição - e daí embarcar num helicóptero russo de carga o K-movel, ainda em testes no Exército — para uma viagem de 75 minutos até Iauaretê. Da pista de pouso local ao hospital fechado, a equipe seguiu em um jerico, carroça puxada por trator.

"Aqui é entrar e se aborrecer", disse na porta do hospital o tenente-coronel Pinto Homem, comandante do 5º Batalhão de Infantaria de Selva, com sede em São Gabriel da Cachoeira. Acima do quepe do oficial, no teto de lã de vidro da entrada, buracos abertos pelas crianças demonstram que a porta

trancada a chave não é obstáculo para ninguém. "Por enquanto são só crianças brincando. O pior vai ser quando os marmanjos começarem a entrar para roubar", previu Pinto Homem.

Lá dentro, a equipe tropeçou em seringas ainda nas embalagens, estetoscópios, tesouras, pinças, bisturis, cadeiras de roda, macas. Com 25 leitos e capacidade para atender 50 pessoas por dia, a unidade só abriga morcegos na sala de parto, a única que fica às escuras mesmo durante o dia. A noite, os morcegos batem asas pelo centro cirúrgico e a sala de raio-X, sobrevoam incubadoras, respiradores, estufas, centrifugadores, geladeiras, balanças e outros equipamentos novos que seriam bem recebidos em qualquer hospital do país e que estão se estragando justamente onde mais são mais necessários, num grotão esquecido da Amazônia, onde há saúde de menos e doenças de mais.

Situado em uma área habitada

Soluções para um mundo pequeno =





DIÁRIO DE BORDO

Na sua primeira fase, a bordo do WK Kellogg, barco de pesquisas da Universidade do Amazonas, a expedição contou com os seguintes integrantes - além de Muriel e Eduardo: Fernando Dumas (historiador), Flávio de Souza (fotógrafo), Luiz Carlos Bonella (cinegrafista), Ziadir Coutinho (médico), Luciano Toledo (médico), Flor Martinez (médica), Simone Andrade (médica), Nelson Fé (técnico em entomologia), José Nunes de Mello (entomologista), Antonio Maria Santos (antropólogo), Auxiliomar Ugarte (historiador), Sérgio Gil (antropólogo) e Fernando Abreu (estudante de Medicina).

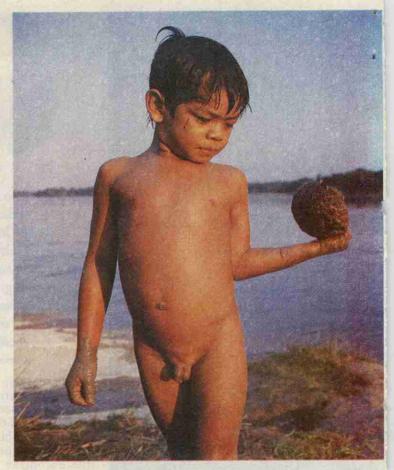
- São Gabriel da Cachoeira tem apenas uma linha de ônibus, com um único carro, um carcomido lotação Mercedes-Benz, da popular Viação Princesinha. O motorista para onde o passageiro der o sinal. Na frente, no lugar reservado ao destino, só uma cartolina com a palavra coletivo.
- Diz-se na mata que quando alguém come o rabo de uma jararaca nunca mais vai sofrer com picada de cobra.

basicamente por indígenas, o Hospital de Iauaretê é um belo exemplo da desorganização do setor de saúde, onde a burocracia supera a eficiência. Tem a Fundação Nacional de Saúde (FNS), a Fundação Nacional do Índio (Funai), as prefeituras, o estado, o Exército, a Igreja. Todos cuidam de tudo, ninguém cuida de nada. "Tenho um médico para 25 mil indios", informou o administrador da Funai na região, Francisco Alves da Silva, em reunião com os integrantes da expedição no dia 5 de agosto, em São Gabriel da Cachoeira. Ao seu lado, a representante da FNS, Aionildes Quadros Monteiro, emendou: "É dificil tratar a malária aqui. Temos poucos medicamentos.'

Com a corrente a seu favor, a doença deita e rola. A equipe da expedição constatou, por exemplo, que a malária progrediu muito nos últimos 12 meses em São Gabriel da Cachoeira. "Ela deixou de ser uma doença só de comunidades rurais e passou a ser de periferia urbana", observou a médica Muriel Saragoussi, diretora do escritório de Manaus da Fundação Oswaldo Cruz. As informações recolhidas pela equipe dão conta de que dos 502 casos notificados de malária no 1º semestre de 1994, São Gabriel pulou para 1.334 nos primeiros seis meses deste ano.

A urbanização da doença é flagrante. Se São Gabriel era apenas "uma villa em abandono" no relato de Carlos Chagas, em 1913, agora é um município com 112 mil quilômetros quadrados e 35 mil habitantes, sendo 85% indígenas. O fluxo do interior para a sede é intenso, os bairros da periferia recebem novos moradores a cada dia. "Há um ano a área urbana respondia por 33% dos casos de malária. Hoje responde por 60%", avaliou o médico-sanitarista Luciano Toledo, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP-Fiocruz). Ele mesmo foi conferir in loco o crescimento desordenado de alguns bairros de periferia. Primeiro, andou por Boa Esperança, onde 77% dos moradores tiveram malária nos últimos seis meses. Depois, conseguiu com um morador uma bicicleta e pedalou por Dabaru, um aglomerado de casas de madeira sobre palafitas. O que viu vale por um mestrado em medicina social.

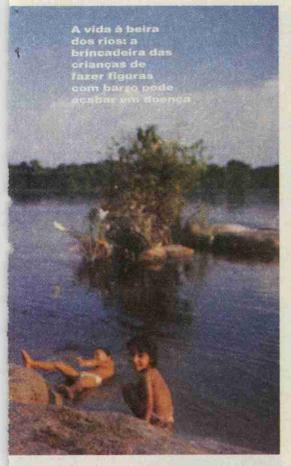
Dabaru avança selva adentro como um acampamento de sem-terra. Há famílias indígenas de lugares dis-

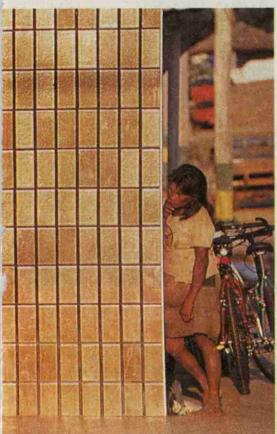




Populações da periferia migram para São Gabriel...







...com a ilusão do progresso

Estudar é programa de índio

arece coisa de Primeiro Mundo. No final de julho passado, a Universidade do Amazonas concedeu diplomas à primeira turma de formandos em Filosofia de São Gabriel da Cachoeira (AM), um grupo de 44 alunos que teve a chance de participar de um inédito curso superior. Em sua maioria descendentes de etnias indigenas do Alto Rio Negro, os formandos vestiram beca e entraram para a história.

Eles trocaram a aldeia pela universidade sem esquecer o passado. Juntaram as idéias de Platão — fundador da primeira escola de Filosofia da Grécia

antiga — aos ideais de suas etnias. "Já não penso como antes, tenho como debater muitos assuntos, adquiri conheci-

tantes como Pa-

ri-Cachoeira e

Içana que se ins-

talaram por ali

para tentar me-

lhor sorte. Ou-

tras vieram do

centro do muni-

chegam a cada dia.

mentos e não me acho primitiva", garante Marly de Andrade França, descendente de indios barés, 26 anos, locutora da Rádio Nacional local.

Para o tucano Gilmar Vieira, de 28 anos, fazer o curso de Filosofia foi uma imposição pessoal. 'Fiz o único curso superior que tinha aqui. Eu queria era estudar'', diz ele. Como Marly, Gilmar pretende usar o que aprendeu para trabalhar com educação e até construiu um discurso político: "A escola é o lugar em que o indio pode se preparar para enfrentar problemas como a demarcação de terras indigenas e a invasão das

multinacionais. É onde a gente se prepara para conviver com os brancos, sem que eles nos dominem". Filosofia pura.(A.M.)



Diploma histórico: em Filosofia

cípio, expulsas pela alta dos aluguéis. O bairro cresce como uma cidade torta, cortada por esgotos a céu aberto, sem fossas, o lixo jogado em qualquer parte, na trilha do desmatamento indiscriminado. Tinha que dar no que deu: os casos de malária se multiplicaram. Nos meses de abril, maio e junho de 1994 o bairro registrou 35 doentes. Este ano, no mesmo período, os casos pularam para 144. Cerca de 300 familias mo-

"Vim de Cucui com oito crianças e só tinha aqui para construir a casa. A água do igarapé é a mesma que a gente usa para cozinhar, beber, lavar roupa e tomar banho. É a única que a gente tem", resumiu Maria Maragua, índia da etnia ba-

ram em Dabaru, mas novas levas

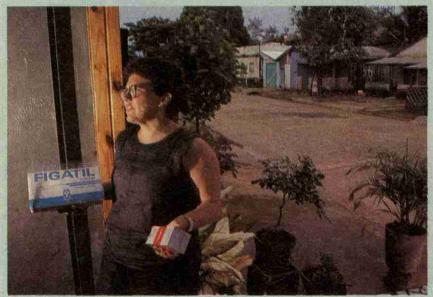
ré, 42 anos. Dentro da casa de madeira de dois cômodos, ela mantém intactos três ventiladores grandes. Suando em bicas com o sol do meio-dia, Maria reafirmou a esperança: "Quando

chegar a luz elétrica, a gente já tem um arzinho garantido, não é?"

Em fevereiro deste ano, um perverso ingrediente entrou nessa mistura: São Gabriel registrou seu primeiro caso de malária por falciparum, modalidade mais grave da doença, de evolução imprevisivel, que pode levar o paciente à morte em poucos dias. Já em março, foram notificados sete casos de falciparum. O sanitarista Luciano Toledo acha que a situação tende a piorar caso as autoridades não tomem providências imediatas. "São Gabriel pode se tornar um ponto central de comércio da Amazônia Ocidental com os países fronteiriços e isso vai trazer o aumento do fluxo migrató-



Consultório médico-sentimental



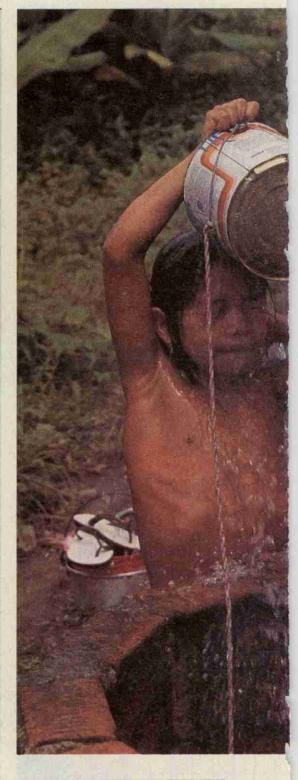
Farmácia de Penha é como divã: 'Pior doença é a fome'

balcão da Farmácia Pontes é uma espécie de divã em São Gabriel da Cachoeira (AM). De um lado, a paraibana Maria da Penha Pontes Ferreira, 44, ex-vereadora, ex-enfermeira e atual consultora médico-sentimental da população. Do outro, meninas com medo de engravidar, rapazes com espinhas no rosto e doenças venéreas no corpo, mães que querem vitaminas para os filhos que não comem, gente de todo o tipo que tem horror a médicos e compulsão a tomar qualquer remédio.

A partir das consultas da tia Penha é possível montar um perfil sócio-epidemiológico da cidade. A saúde indígena, por exemplo, só piorou. "Eles comiam melhor. Tinha paca, cotia, veado, até peixe tinha mais. Hoje comem enlatados e trocam seu artesanato por sal ou cachaça. A pior doença aqui é a fome", lamenta ela.

A lógica indígena às vezes se choca com a bula dos remédios. Certo dia, um homem entrou furioso na farmácia: "Essa pílula para evitar gravidez não presta." Penha respondeu: "Vamos com calma. Vocês seguiram as instruções?" O homem, convicto: "Claro. Uma pílula por dia. E quando ela não tomava, eu tomava." Com essa posologia às avessas, muitos bebês são abandonados em cestos nas portas das casas. O número de adoções é incomum.

Penha também se esforça para ser assistente social e psicóloga. Os garotos que chegam com gonorréia têm vergonha de falar. As meninas com corrimento, mais vergonha ainda. "Aids, então, eles não têm idéia do que é. Eles têm vergonha de pedir preservativos na farmácia. Mandam os irmãos menores, uns moleques que mal saíram das fraldas, atrás de camisinha. Dá até vontade de rir." (A.M.)



GLOSSÁRIO

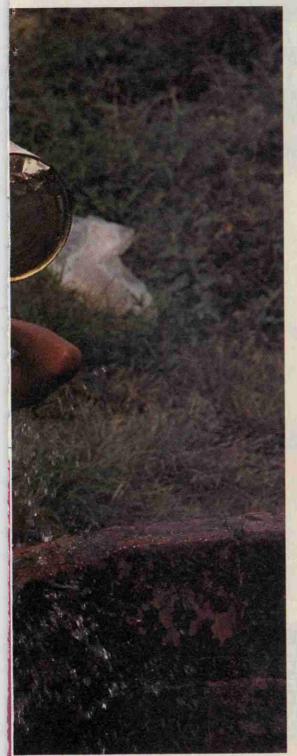
Perna — Viagem de ida e volta, no jargão militar. Exemplo: uma vez por mês, um avião Búfalo da Força Aérea Brasileira (FAB) faz uma perna para os pelotões de fronteira, levando quatro toneladas de carga (alimen-

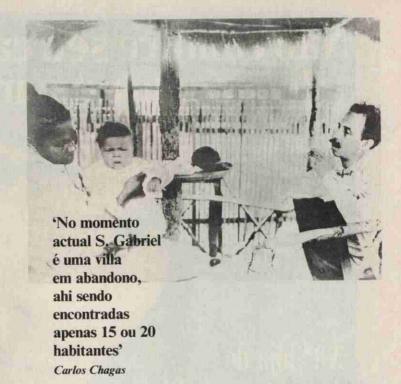
tos, remédios etc).

Vau — Água até a cintura do corpo. Trecho de rio ou de mar que se pode atravessar a pé. Exemplo: "Fica proibido o mergulho em águas que não permitem vau."

Beiradão — Nome genérico que se dá às regiões ribeirinhas dos rios e igarapés da Amazônia.

Bubuiá — Boiar na água. Entomologia — Parte da Zoologia que trata dos insetos. Voadeira — Barco de alumínio, em forma de canoa, com motor de popa. É a ambarcação mais usada nos rios da Amazônia. O Exército possui voadeiras com capacidade para até 35 pessoas.





rio", diz o médico.

A equipe da expedição não ficou apenas na constatação. Elaborou um documento com sugestões para combater a doença e passou essa contribuição às autoridades locais. O receituário inclui o planejamento prévio para formação de novos bairros, a identificação dos focos de transmissão da malária para borrifacão e ações de prevenção em festas regionais — quando visitantes podem contrair a doença.

A receita esbarra na resistência da população, sobretudo dos indígenas. 'O indio vê a doença como uma coisa divina, externa ao corpo, e não aceita que um remédio possa curá-lo do mal", afirmou Gersen José dos Santos, da etnia baniwa, 30 anos, vice-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), que congrega 22 organizações com 19 grupos étnicos. Para ele, o trabalho da federação é fazer uma ponte entre os hábitos indígenas e as formas de prevenção e tratamento das doenças que se abatem

sobre as populações. "Nossa prioridade é treinar agentes de saúde nas aldeias para combater a malária, a tuberculose, as verminoses e as diarréias", garantiu Gersen.

É um longo caminho, cheio de obstáculos visíveis. Um deles fica bem no centro de São Gabriel, por trás da Pedra da Fortaleza, onde nasceu a cidade: o sistema de captação de água local está poucos metros abaixo da saída de esgoto, os dois ligados pela forte correnteza do Rio Negro. É apenas um exemplo, no meio de tantos. Enquanto isso, as mulheres de São Gabriel mantêm o hábito de lavar as roupas batendo as peças nas pedras da beira do rio e, lá em Iauaretê, as crianças cultivam a rotina de ir ao hospital todos os domingos, como se fossem beatas a caminho da missa, para brincar de médico com bisturis de verdade e tentar esquecer uma realidade de mentira.

No próximo domingo, Exército, religiosos e garinpeiros na disputa pelo controle dos indios.

Soluções para um mundo pequeno

